

DE SINGILIA BARBA AOS AGRI BALSENSES

UMA INSCRIÇÃO ROMANA DO PAÚL – ASSÊCA TAVIRA

Alexandre Martins Viegas Cesário

A inscrição funerária romana que vamos analisar foi encontrada por mim em Março de 1960 no Paúl, Santo Estevão, Tavira e entregue, sem ser estudada, ao Museu Nacional de Arqueologia pelo Dr. Farinha dos Santos, meu professor da cadeira de Arqueologia em Junho do mesmo ano.

Em Novembro de 1975 fiz, no II Colóquio Arqueológico de Setúbal, uma primeira leitura que não publiquei por achá-la incompleta; nessa altura e nesse local, cedi ao Prof. Dr. José d'Encarnação uma fotografia da mesma para que a incluísse no seu incipiente "Inscrições Romanas do Convento Pacencis", que ele só publicaria nove anos depois (ENCARNAÇÃO, 1984, n.º 88).

Hoje, tenho oportunidade de, com novos elementos, fazer uma leitura mais aprofundada, não garantindo que seja a última.

Aliás, as duas únicas inscrições que conheço do Paúl fogem ambas ao habitual: esta, pelo modo como foi feita a inscrição, a segunda pelo local, pois sendo uma placa que termina em triângulo, foi usado como campo epigráfico o interior do mesmo; está inédita e poderá ser vista no início do próximo ano na Exposição do Mundo Romano em Portugal no Museu Nacional de Arqueologia; mas voltemos à que está em questão:

É feita em calcário da região – castanho acinzentado – e encontrei-a deitada sobre a sepultura, que tudo indica que tivesse pertencido a Saliano, onde se encontrava o resto de um esqueleto, bastante incompleto e que foi entregue ao Prof. Dr. Machado Caetano da Faculdade de Medicina do Campo de Santana para radiografar e estudar possíveis paleopatologias e onde ainda se encontra.

A pedra foi escavada na parte central, onde está o campo epigráfico, dando origem a uma moldura, encontrando-se todo o fundo picado, o que à primeira vista parece ser material reaproveitado; os três traços mais ou menos paralelos que se encontram em ambos os lados na parte inferior, parecem ser um esboço rudimentar de decoração.

Dimensões: 33,5x42x7,5

Campo: 24,5x25 tudo em centímetros

Está danificada na parte superior, restando um pequeno vestígio da letra D, e partida no local onde esteve a letra S no topo direito; aliás tive em meu poder o triângulo de pedra onde ela estava inscrita, mas que hoje não se encontra no museu onde está em depósito.

As letras apresentam-se todas ligadas, sem espaços intercalares.

A haste inferior da letra R de *PATER* foi inscrita praticamente em cima da moldura.

Na execução da palavra *filio* o artista não se apercebeu de toda ela e fez três traços paralelos seguidos da letra O, o que nos leva a crer que não sabia ler e copiou as letras, que neste caso estariam pouco ou mal desenhadas na tábua de cera.

Vê-se nitidamente que faltou espaço ao lapicida, pois foi diminuindo progressivamente o tamanho das letras de linha para linha, não tendo tido espaço para a forma ritual *hic situs est*, embora, estranhamente tenha escrito o *sit* por extenso, dando ideia que, na cábula, a fórmula estaria completa, só que faltou espaço para o resto, parecendo também amalgamar a piedosa intenção de *sit tibi terra levis*.

O *BARBE* aparece, quase minúsculo, no centro da linha inferior já colocado um tanto em cima da moldura, dando ideia de esquecimento resolvido à última hora. Penso que *BARBE*, seja o locativo de Salianus.

A tradução é simples:

«Consagrado aos Deuses Manes. *Salianus*, natural de (Singilia) Barba, viveu trinta e três anos e dois meses. O pai, *Romulensis*, colocou ao filho, modelo de piedade, (que aqui está) sepultado.»

O cognome Salianus nada nos indica visto ser o primeiro a aparecer na Hispânia, melhor ainda, só se conhece um proveniente de Antióquia.

Já o cognome do pai Romulensis lhe dá como naturalidade a Colónia Júlia Rómula ou o seu ager, mais tarde Hispalis/Sevilha pelo que ficamos com a ideia de serem dois autóctones com nomes romanizados.

O que teria levado um pai natural de Sevilha e um filho nascido perto de Antequera a virem para o Paúl?

A descoberta a sul de Antequera, província de Málaga, de olarias com grande quantidade de sigilata (RAMOS, 1991: 23 e segs.), leva-me a pensar que o pai Romulense tenha ido para Singilia Barba exercer o ofício de oleiro, local onde nasceu o filho Saliano; em dada altura, talvez atraídos pela fama de Balsa, teriam vindo para Ocidente e ter-se-iam instalado no Paúl, perto de Balsa, onde há barros de qualidade.

Aos trinta e três anos de idade dá-se o falecimento do seu filho que ficou sepultado no Paúl, terra que os tinha acolhido.

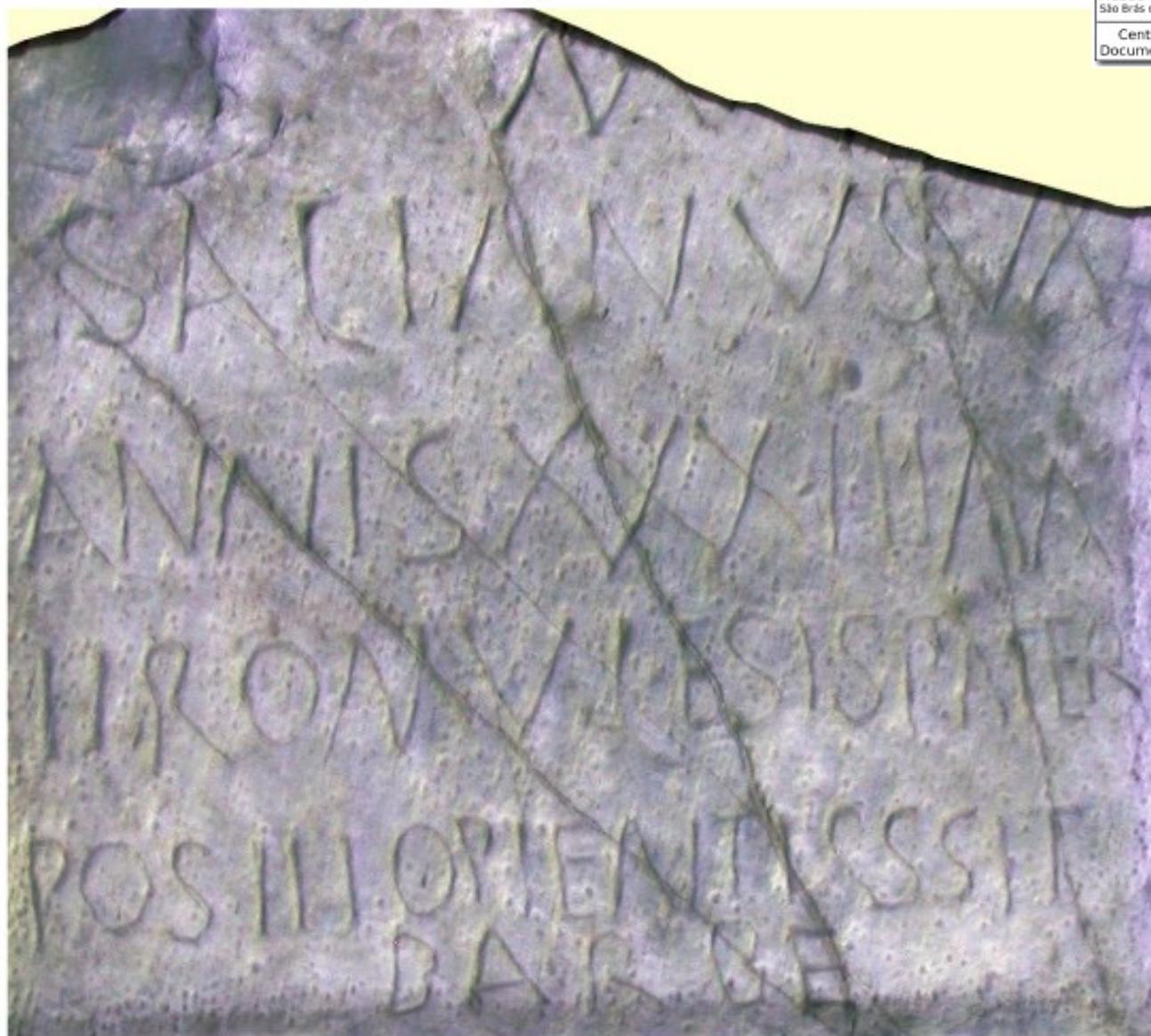
A terminologia e o tipo de letra levam-me a datar esta inscrição como pertencente à primeira metade do século III.

O aspecto geral é um pouco tosco e vê-se que não houve da parte do lapicida um estudo prévio em relação ao espaço que dispunha para o texto que teria de inscrever.

Bibliografia:

- ENCARNAÇÃO, J. d' (1984): *Inscrições Romanas do Conventus Pacencis*, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, Coimbra.
- SERRANO RAMOS, E. (1991): *Terra Sigilata Hispánica de los Alfares de Singilia Barba*, Universidade, Málaga.

Tavira, 16 de Novembro de 2000
Alexandre Martins Viegas Cesário



D M [S]
SALIANVSVX
ANNISXXXIIIM
IIROMVLESISPATER
5 POSIIIOPIENTISSIT
BARBE

D(iis) M(anibus) [S(acrum)] / SALIANVS V(i)X(it) / ANNIS XXXIII
(trigintatribus) M(ensibus) / II (duobos) ROMVLE(n)SIS PATER /⁵
POS(uit) <F>ILIO PIENTISS(im)o SIT(o) / BARB(a)E //

«Consagrado aos Deuses Manes. *Salianus*, natural de (Singilia) Barba, viveu trinta e três anos e dois meses. O pai, *Romulensis*, colocou ao filho, modelo de piedade, (que aqui está) sepultado.»